



QUE FOI DE...?

Dado que Boco Nacionalista Galego se tem autoproclamado sucessor do velho Partido Galeguista (P.G.) – de Castelao ou Bóveda – de começos do passado século, pensamos oportuno refletir neste artigo sobre a trajetória vital do partido que foi inspirador dos ideais nacionalistas do atual BNG.

CONCURSO

Eis a segunda chega do nosso Concurso Literário: Iria Pena Jato enviou um relato cheio de intriga e é a segunda leitora presenteada com um lote de livros das Edições Positivas. Parabéns, Iria.

CINEMA

Rompendo um bocado a linha habitual desta seção de comentar apenas um filme, tentaremos incidir em como o machismo está presente em toda a parte, incluído o cinema, às vezes de forma involuntária, pois o patriarcado está presente mesmo nas propostas aparentemente mais inócuas. Aproveitamos o escutado a Pilar Aguilar, quem participou num congresso em Compostela em 2010 e mais recentemente na Corunha, em finais do ano passado. É autora de vários livros e ateliês voltados para a literatura e a violência de género.

EM TEMPOS

Episódios da televisão nacional galega

Carlos C. Varela

Neste número d'A REVISTA lançamos um desafio às investigadoras e rastejadoras de videotecas: localizar as imagens destes três episódios nacionais passados pela televisão que a seguir relatamos. Mas começamos entre bastidores, recordando o arredista Fuco Lamas Barreiro, fundador da Sociedade Nazonalista Pondal, e seu primeiro presidente em 1930. E é que o Lamas Barreiro, desenhador, trabalhava de publicista na Paramount Pictures Corporation.

O primeiro é de 1960. Ernesto Guerra da Cal viaja para o Brasil para participar, como convidado de honra junto com Jean Paul Sartre, no Congresso de Crítica Literária. As suas investigações sobre Eça de Queiroz fazem com que o chamem da televisão brasileira para uma entrevista. Justinho antes de sair em direto, o entrevistador pergunta-lhe como é que tanto sabia da literatura portuguesa. Da Cal explicou-lhe que porque era galego. O apresenta-



O Capitão de Abril com origens em Redondela, Duran Clemente

dor, contrariado, respondeu: “quer dizer você espanhol?”. “Não, não, galego”, insistiu da Cal. O piloto da câmara acende, e começa a retransmissão em direto, o entrevistador sobrepõe-se: “Cá, à minha direita, o professor Ernesto Guerra da Cal, que insiste em ser chamado de galego”. E

é que o Ernesto Guerra devia ser bom para as câmaras. Amigo de Buñuel, o realizador surrealista chamara-o para ir a Hollywood trabalhar com ele. Felizmente, recorda Elsie Allen da Cal, recorreu o oferecimento, pois seguramente evitasse perseguições na caça de bruxas de MacCarthy. Da

Neste número lançamos um desafio às investigadoras e rastejadoras de videotecas: localizar as imagens destes três episódios nacionais passados pela televisão que a seguir relatamos. Mas começamos entre bastidores, recordando o arredista Fuco Lamas Barreiro, fundador da Sociedade Nazonalista Pondal, e seu primeiro presidente em 1930. E é que o Lamas Barreiro trabalhava de publicista na Paramount Pictures Corporation

mesma geração, não podemos esquecer o corunhês Serafim Ferro, companheiro de Cernuda e ator no L'espoir de André Malraux, morto no exílio no México na completa indigência e olvidado por todos.

A segunda é de 1974, e devemos-lhe o seu conhecimento a Luís Gonçalves Blasco 'Foz'. Com a Revolução dos Cravos em marcha, e graças às excelentes relações da UPG com as forças revo-

lucionárias, um Moncho Reboiras já na clandestinidade, e encapuçado, foi entrevistado pela televisão portuguesa nos seus estudos do Porto. Tivera a má sorte de ser detido ao cruzar a fronteira, mas o governador militar do Norte, Corbacho, contactado por Margarita Ledo, enviou um grupo de militares para recolher Reboiras com todas as honras que merecia o dirigente da Frente Militar da UPG.

A terceira também é da Revolução dos Cravos, mas do fim do Processo Revolucionário em Curso, naquele 25 de novembro de 1975. Nesse dia, entre as 20h30 e as 20h49, o Capitão de Abril com origens em Redondela, Duran Clemente, fala na RTP expondo os objetivos da revolução –“O que nós vemos é que ainda há estruturas... ainda há organismos onde existem reacionários muitas vezes até sem querer sê-lo, sem consciência disso, mas que objetivamente o são”–, quando é subitamente interrompido pelas forças de Jaime Neves e Salgueiro Maia, o grupo mais moderado da Revolução de 74. A emissão é interrompida, ouvem-se as palavras de Duran Clemente: “Parece que não podemos continuar por razões técnicas”... reinicia-se a emissão com uma comédia de Danny Kaye. Eis, um redondelâm, última imagem da Revolução dos Cravos.



QUE FOI DE...?

O QUE FOI DO PARTIDO GALEGUISTA?

Alonso Vidal

Como se a história tivesse a intenção de repetir-se, acabamos de assistir a umha assembleia do partido nacionalista maioritário que deu como resultado umha manifesta “bipolaridade” próxima da cissom. Dado que Boco Nacionalista Galego se tem autoproclamado sucessor do velho Partido Galeguista (P.G.) – de Castelao ou Bóveda – de começos do passado século, pensamos oportuno refletir neste artigo sobre a trajetória vital do partido que foi inspirador dos ideais nacionalistas do atual BNG.

Com efeito, a cissom definitiva produziu-se... em 20 e 21 de abril de 1935, durante a IV assembleia do Partido galeguista. Nesse caso, as posições mais conservadoras, encabeçadas por Risco e Outeiro Pedraio preferem separar-se do grupo dominante antes de participar ativamente na aliança estratégica com a Izquierda Republicana e os socialistas. Nascia a “Direita Galeguista”. A viragem do PG para a esquerda ficaria plasmada em janeiro de 1936, quando numha assembleia extraordinária acorda unir-se à “Frente Popular”. Nessa altura, o partido – fundado em Pontevedra em 1931, a partir de 22 agrupamentos de diverso signo –, contava já com quase um cento de grupos locais e perto de 5.000 afiliados.

O problema radicava – naquela

Os candidatos do PG, integrado na Frente Popular, conseguem 287.000 votos em fevereiro de 36 e são eleitos deputados em Madrid Castelao, Suárez Picalho e Vilar Ponte. Já naquela altura – e vai para oitenta anos – entre os seus objetivos imediatos estava a autodeterminação, a supressom das Deputaçoms, a igualdade política da mulher, a oficialidade da língua, ou anti-imperialismo



Na imagem superior, ato fundacional do Partido Galeguista. Na inferior, A Nosa Terra, vozeiro da formaçom política nos primeiros anos

altura, como agora – na heterogénea composiçom interna. Junto a independentistas, reunidos na Associaçom Nacionalista Pondal, confluíam autonomistas de esquerda, liberais e conservadores católicos, para além de membros que poderíamos denominar de “independentes. O tempo parece não ter passado.

Depois da cissom?

O grupo cindido daquela, a direita galeguista, foi fundada por José Filgueira Valverde e uniram-se-lhe em fevereiro de 1936 alguns filiados do PG de Ourense (Vicente Risco) e de Compostela (Manuel Beiras), todos contrários a pactuar com a esquerda. Depois do triunfo do golpe de estado de 36, alguns deles abraçariam os postulados do regime franquista, colaborando ativamente com ele.

Por seu lado, os candidatos do PG, integrado na Frente Popular, conseguem 287.000 votos em fe-

entre os seus objetivos imediatos estava a autodeterminaçom, a supressom das Deputaçoms, a igualdade política da mulher, a oficialidade da língua, ou anti-imperialismo. Entre os seus méritos, conseguir em plena guerra civil – fevereiro de 1938 – que o de Estatuto de Autonomia de 1936 tomasse estado parlamentar. Isso possibilitaria que mais tarde, na chamada “transiçom”, a Galiza fosse considerada “nacionalidade histórica”.

A pós-guerra trouxe perseguiçom, morte e exílio, como sabemos. Depois de umas tentativas de recompor o PG no interior que resultáram pouco efetivos, os seus militantes, encabeçados por Ramom Pinheiro, decidem explorar a chamada “via culturalista” dentro do regime franquista. Nasce assim a Editorial Galaxia, que fecha a porta definitivamente a uma oposiçom frontal ao franquismo. É tempo de “mesa camilha”. Só no exílio americano continua a atividade do partido, com uns centos de militantes sob o nome de Irmandade Galega.

Do pós-franquismo até à inaniçom Morto o ditador, antigos militantes da República e do exílio, como Ramom López ou Pousa Antelo refundarãm o PG em novembro de 1978. Participaria ativamente dentro da coligaçom Unidade Galega juntamente com o PSG e o POGa, com certo sucesso nas municipais do 79 – conseguira 141 vereadores e a Câmara Municipal da Corunha, com Domingos Merino – mas retomaria o seu caminho em solitário nas autonómicas de 1981. Nessa altura, o matiz conservador impregnaria a imagem do velho PG republicano. Será o seu Secretário-geral, Rodriguez Peña quem, no congresso de 1984, levaria o partido a diluir-se em Coalición Galega.

Desconformes com esta caligaçom, Manuel Beiras e Martinez López fundam o Partido Galeguista Nacionalista, que depois de participar nas europeias com o PNV e fracassar, decide unir-se ao Partido Nacionalista Galego. Como se de umha cena de “A vida de Bryan” se tratar, daí sai em 1988 o Partido Nacionalista Galego-Partido Galeguista. O PNG-PG entraria a fazer parte do BNG em 1991 e, agora, integrado na corrente Mais Galiza, que pensa em deixar a formaçom ao não sair vencedor na Assembleia do passado janeiro. E volta a começar.

Difícil é seguir a trajetória final do PG – agora já como simples marca eleitoral – e a sua luta de propriedade das siglas. Umha nova tentativa de refundaçom terá

O problema radicava, naquela altura, como agora, na heterogénea composiçom interna.

Junto a independentistas, reunidos na Associaçom Nacionalista Pondal, confluíam autonomistas de esquerda, liberais e conservadores católicos, para além de membros que poderíamos denominar de “independentes”. O tempo parece não ter passado.

lugar em 2004 com alguns militantes que já participaram na reorganizaçom anterior e alguns militantes históricos – como o recentemente falecido Antón Moreda, que fora cofundador das Mocidades Galeguistas na Argentina. O cargo de Presidente foi para o escritor Xabier González – que em 1984 formara parte dos Coletivos Galeguistas, que se opusera à desaparicaçom do PG dentro de Coalición Galega – e aterrou como Secretário-geral o ex-alcalde de Vigo polo PSOE, Manuel Soto. A sua formaçom daquela, Progresistas Vigueuses, foi uma das que confluíram nesse enésimo projeto de reconstituicão, junto a candidaturas municipais independentes e personagens chegados de outros grupos políticos. Alguns dos integrantes, como Unidade por Narón, saiu mais tarde para criar “Terra Galega” com pouco mais sucesso do que os anteriores.

A última intervençom de certa importância por parte do PG de Soto foi em 2006 quando participou no Parlamento Galego para fornecer ideias galeguistas relativamente à possível modificaçom do Estatuto. Nessa ocasiom, defende a “Proposta Galeguista do III Estatuto” em que incluía a definiçom da Galiza como Naçom histórica – na altura estava o Estado Espanhol entretido na polémica sobre a definiçom da Catalunha como naçom no seu Estatuto.

A situaçom é incerta e parece que nom dá para mais. Certo é que agora nom há timom e apenas fica quilha e alguns toletes, mas... especialista em longas e agitadas travessias - e vendo ultimamente a tensom do panorama político nacionalista – quem se atreve a assegurar categoricamente que a velha e cálida traínha do PG nom será posta a flutuar novamente?

A última intervençom de certa importância por parte do PG de Soto foi em 2006 quando participou no Parlamento Galego para fornecer ideias galeguistas relativamente à possível modificaçom do Estatuto. Nessa ocasiom, defende uma proposta em que incluía a definiçom da Galiza como Naçom histórica. Na altura estava o Estado Espanhol entretido numa polémica com a Catalunha



A FOTO



Zélia Garcia

Sou umha nena. Somos muitas ber-rando para que nom se queime lixo na nossa comarca. No concelho fe-de a dinheiro, cheira que confunde. Hoje erguemos esperança, recuperamos o de-sejo de dizermo-nos em plural e escreve-mos a palavra compromisso com a nossa pegada. O meu gesto justifica-se por si só. Alguém tinha que assaltar esta vila, tomar o caminho real e inesperadamente lembrar-vos que eu sou todas vós.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de con-tido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No **NOVAS DA GALIZA** pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Iria Pena Jato é a segunda leitora presenteada com um lote de livros das Edicións Positivas. Seguindo a corrente de moda entre o nosso público leitor, Iria participou no concurso com um relato apocalíptico... ou nom.

Nasci em Berna, Suíça, em 1984, e morei ali até que rematei o instituto. Voltei à Galiza com a minha família aos 17 anos, estudei Turismo, e agora trabalho como guia para umha agência de viagens de Vigo. Escrevo desde que eu lembro e algum dia gostaria de publicar um romance.



Iria Pena Jato

Todos morremos como heróis

Só afastou os olhos da estrada uns segundos, para ver o cometa. Diziam no rádio que contra as duas da manhã se ia ver perfeitamente no sul da Galiza, mália isso nom significasse mais do que umha diminuta estrela fugaz sulcando o céu.

Só afastou os olhos da estrada uns segundos, por ver se já se via, e no céu nom havia estrela nengumha, para variar nom deram com a predição e estava tudo coberto.

Só afastou os olhos uns segundos, e quando voltou a mirar polo para-brisas, a carrinha que tinha diante desde que saíra de Caminha já nom estava, e no seu lugar havia umha cratera fume-gante na terra. Freou em seco.

O cometa nom se vira desde o sul da Galiza nem desde nen-

gum outro ponto porque nom seguira a órbita prevista, ou isso imaginou, porque naquele instante as comunicações deixá-rom de funcionar e ninguém se voltou a preocupar pola veracidade dos comunicados de imprensa. Tampouco sabiam onde caíra, nem se media o que digeram os científicos da NASA ou se era maior ainda, se quadra como aquele que disque rematara com os dinossauros.

Ele nom se detivera a considerar tudo isso quando saiu do carro aquela noite, simplesmente saltou à terra e correu esquivando os fossos que se abriam aos seus pés, até que topou com umha casa que nom estava a arder. Conheceu uns senhores mui amáveis que o deixárom ficar a passar a noite, e acabárom por emprestar-lhe o seu trator-roçadora, que naquela altura era o

único com que se podia circular com certa segurança. Continuou a avançar caminho, mui devagar, reduzindo a marcha quando via feridos nas estradas, mas nom se detivo até chegar à sua casa.

Mamai agardava na porta, quase como se soubesse que ia ir. Estava mui afetada porque vira morrer os vizinhos, os incêndios que seguiram à queda do cometa arrasaram quase toda a vila, e a sua casa só se salvara porque mudara o vento e entre ela e o tio Enrique conseguiram manter as lapas dentro dos limites. Depois, o tio Enrique marchara na procura de ajuda e ainda nom voltara, por isso mamai saía a mirar á porta cada vez que escutava um trator.

As cativas quase nom se decataram de nada. Estavam dentro

da casa, amoladas porque nom podiam ver a televisom. A sua mai contou-lhe que pouco antes das primeiras explosions chamara a sua irmã para dizer que se ia atrasar, que se podiam dormir ali as nenas. Daquilo já passaram dous dias e nom sabiam nada dela, provavelmente nom voltassem a saber.

Ele nom se arredou. Começou a organizar a sobrevivência, e em poucos dias decidiu que tinham que marchar da casa. Nem a sua irmã nem o tio Enrique voltaram. Saiu um par de vezes na procura dum lugar seguro, preparou os planos para conseguir alimentos e gásóleo para o trator, instruiu á sua mai e as nenas sobre as medidas de segurança... Depois contactou com outros grupos, convidou-nos a unir-se a eles, discutiu com eles a organização social e

a distribuição de tarefas. Foi o seu líder. Guiou-nos por umha terra erma e despovoada com mao firme e decisons sábias, construiu um mundo melhor, um mundo que nom se parecia nada com o que deixaram atrás.

Entom, num dia de verao, cin-zento e coberto como adoitavam ser os dias desde o cometa, detivo-se por fim, afastou os olhos da estrada pola que caminhava e olhou o céu. E ali mesmo, o segundo cometa derrubou-o.

- Seguramente só afastou os olhos da estrada uns segundos – dixo o doutor á sua mai e a sua irmã. – Nom deveu ver o choque em cadeia, afastou os olhos da estrada e chocou contra a carrinha que circulava diante dele. Entrou nas urgências já cadáver. Sinto-o, nom pudemos fazer nada por ele...



“¿Cómo se siente ahorita?”

Valentim R. Fagim

Na hora de avaliar se umha língua está, na verdade, a funcionar como tal do ponto de vista social, é comum recorrermos a muitas variáveis: presença nos mass media, nos setores económicos, nas cidades... Umha outra variável e a língua dos forâneos, nomeadamente, no caso galego, dos que chegam fora do Reino de Espanha.

No Quebeque, por citar um caso, a maioria dos imigrantes acabam por aprender francês num prazo relativamente curto. Nom por acaso, na Catalunha, as campanhas de divulgação social do catalám costumam incluir pes-

soas com traços físicos que denotam a sua origem africana ou asiática. Na própria Galiza, o vídeo do Modelo Burela provoca um calafrio de satisfação quando aparecem escolares de origens mui diversas a falarem a nossa língua.

Esta semana levei a minha avó de 94 anos a urgências. A facultativa que me atendeu era de origem americana, dalgum país de língua espanhola. A conversa nom correu muito bem, essencialmente porque nom me entendia, o que me obrigou a falar num formato de portunhol. Podia agora divagar sobre os direitos dos cidadãos e as exigências que a administra-



ção com galega devia colocar os seus funcionários.

A médica dirigiu-se à minha avó e perguntou-lhe, sem obter res-

posta, até três vezes:

“¿Cómo se siente ahorita?”

Se a sinceridade é permitida, mal.

No Quebeque, por citar um caso, a maioria dos imigrantes acabam por aprender francês num prazo relativamente curto.

Nom por acaso, na Catalunha, as campanhas de divulgação social do catalám costumam incluir pessoas com traços físicos que denotam a sua origem africana ou asiática

CINEMA PARA PENSAR

Os filmes e a perspetiva de género: propostas de ação social

Francesco Traficante

Rompando um bocado a linha habitual desta seção de comentar apenas um filme, tentaremos incidir em como o machismo está presente em toda a parte, incluído o cinema, às vezes de forma involuntária, pois o patriarcado está presente mesmo nas propostas aparentemente mais inócuas. Para isso aproveitarei o escutado a umha mulher muito interessante, que tem passado pela Galiza tanto há dous anos, quando participou com umha conferência no Congresso que tivo lugar em Compostela a 24 e 25 de novembro de 2010, sob o nome de “Literatura e violência de género”, como mais recentemente na Corunha, em finais do ano passado, convidada pela CGAI. Falamos da ensaísta e crítica de cinema Pilar Aguilar, que além de ter publicado vários livros sobre o tema, conduz habitualmente ateliês para alunado, nomeadamente de

Secundária, sobre como olhar de forma distinta os filmes, pondo-se os óculos de cor violeta em vez dos óculos de 3D, que além de serem mais baratos, som também bem mais interessantes.

Nas duas conferências que deu, sempre insistiu na dificuldade que temos muitas vezes para nos decatarmos dessa visom patriarcal que o filme tem. E isto é claro porque a câmara é sempre que marca o olhar do que estamos a ver, sem que tenhamos qualquer possibilidade de escolha. Nom podemos sair do olhar do realizador ou realizadora. No cinema nom nos podem dizer “casa”, mas “olha esta casa”. E nom só: a pessoa autora do filme é que escolhe tudo sobre essa casa: tamanho, forma, cor, idade, perspetiva desde a qual a vemos... e o mesmo passa-se com os personagens de um filme. A imagem é absolutamente tirana e nom deixa margem. Mas nom

só: a linguagem audiovisual em geral, e os filmes em particular, som muito mais emocionais do que racionais. Por isso é muito mais difícil sermos críticos com umha imagem do que com umha frase ou texto. Em consequência, se o homem protagonista nom escolhe umha mulher para formar parte ou ter um papel relevante no filme, é como se ela nom existisse e nom terá nenhuma oportunidade. E quando a escolhe, num grande número de vezes vai ser basicamente polo seu físico. De fato, os dados dizem que entre 80 e 90 por cento dos filmes estám protagonizados por homens.

O eixo fundamental destes filmes serám varons e as mulheres relegadas a serem o parque temático dos homens, normalmente só como tema amoroso e/ou para prazer dos homens. O importante, tal como assinala Pilar Aguilar, apenas se passa entre

homens. Um exemplo: O Senhor dos Anéis, que de nove horas de filme apenas tem trinta minutos em que aparecem mulheres. Outro exemplo: na série de filmes de “A Guerra das Estrelas”, “Star Wars” em inglês, os monges, as castas de poder, os heróis, som praticamente todos homens. As mulheres nom pintam absolutamente nada. As maes som olhadas a partir dos filhos, ou continua totalmente vigente o modelo de mulher dependente que espera o seu príncipe azul. Temo-la na saga de “Crepúsculo” ou em filmes de sucesso como “Pretty Woman” em que o protagonista, interpretado por Richard Gere, é o poderoso, o rico e o que tem a palavra. Ela, representada pela atriz Julia Roberts, aparece com o corpo fragmentado, sem palavra e dependente do homem. E som inúmeros os exemplos que foram apresentados nestas conferências.

Contudo também falou de exemplos positivos, como a série de curtas-metragens que foram realizadas com um olhar também novo, feminista e anti-patriarcal, que compõem a série “Cinema para ser a voz de quem cala”¹. Para além disso, podemos descarregar grátis propostas didáticas para fazer com o alunado, onde visionam fragmentos de filmes e reflexionam sobre os valores machistas e patriarcais que se nos inoculam de forma aparentemente inocente².

NOTAS DE RODAPÉ

1. <http://ir.gl/b42710>

2. <http://ir.gl/55e50b> ou <http://ir.gl/1d7cea>

Estas ligações som para todas aquelas pessoas interessadas, nomeadamente aquelas que se dediquem à docência ou formem parte de associações culturais, e som totalmente gratuitas.